



Uma escrivência colaborativa entre Italo Pacheco e Palhaço Xêco e os improvisos durante o processo de criação de cenas.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

ITALO HENRIQUE DA SILVA PACHECO

mEU PALHAÇO DE CADA DIA: uma escrevivência colaborativa entre Italo Pacheco e Palhaço Xêco, e os improvisos durante o processo de criação de cenas

Belém - Pará
2025

ITALO HENRIQUE DA SILVA PACHECO

mEU PALHAÇO DE CADA DIA: uma escrevivência colaborativa entre Italo Pacheco e Palhaço Xêco, e os improvisos durante o processo de criação de cenas

Trabalho de conclusão de curso orientado pelo Prof. Marton Sergio Moreira Maués, apresentado ao curso de Licenciatura em teatro do Instituto de Ciências das Arte na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de licenciadp em Teatro.

Orientadora: Prof. Marton Sergio Moreira Maués

Belém - Pará

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

P116m Pacheco, Italo Henrique da Silva
mEU PALHAÇO DE CADA DIA: uma escrivência colaborativa entre Italo Pacheco e Palhaço Xêco, e os improvisos durante o processo de criação de cenas / Italo Henrique da Silva Pacheco. 2025.
35 f.

Orientadora: Prof. Dr. Marton Sergio Moreira Maués.

Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2025.

1. Teatro. 2. Palhaço. 3. Representação teatral. 4. Poética – Criação artística. Título.

CDD - 23. ed. 791.33

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

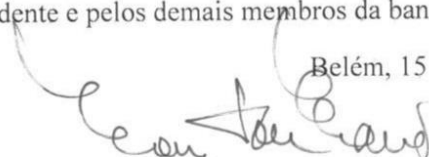


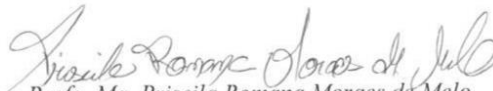
ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


Aos quinze dias do mês de setembro de dois mil e vinte e cinco, às dezesseis horas, reuniu-se na Sala 04 (quatro) da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Dr. Marton Sérgio Moreira Maués (Orientador e Presidente), Profa. Ma. Priscila Romana Moraes de Melo (Examinadora Externa), Prof. Rubervaldo Cruz Sarmento Filho (Examinador Interno), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, do graduando **ITALO HENRIQUE DA SILVA PACHECO** – Matrícula 201811240028, intitulado: “mEU CLOWN DE CADA DIA: uma escrevivência colaborativa entre Italo Pacheco e Palhaço Xêco, e os improvisos durante o processo de criação de cenas”. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulgou o seguinte resultado:

O trabalho foi apresentado com conceito E
(EXCELENTE), com as seguintes observações
INDICAÇÃO DE PUBLICAÇÃO e, após
constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 15 de setembro de 2025.


Prof. Dr. Marton Sérgio Moreira Maués
Orientador e Presidente


Profa. Ma. Priscila Romana Moraes de Melo
Examinadora Externa


Prof. Me. Rubervaldo Cruz Sarmento Filho
Examinador Interno

Ao branquelo chorão e cheio de imaginação, que hoje acha que aprendeu a lidar um pouco melhor com suas vivências:

o pequeno Italo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meus pais, Ivo e Joseane, pelo apoio, paciência e, especialmente mamãe, entender minhas ausências durante esses anos de graduação. À minha irmã, Camilly, por quase sempre aguentar meus estresses, impicâncias e loucuras pela casa.

Agradeço aos meus amigos e aos colegas que compartilharam comigo um pouco dessa caminhada maluca, que muitas vezes viram essa pesquisa acontecendo bem em frente aos seus narizes e nem sabiam. Especialmente ao Edson Elias que chegou do nada na minha vida já trazendo muita inspiração, inúmeras trocas e risadas virando porco.

Agradeço a minha gêmea-pisciana, e muitas vezes mãe, Adrielle Santana que vivenciou e somou nessa pesquisa muitas vezes de diversas formas que só nós sabemos; obrigado, *for you I'd write a symphony*.

Agradeço a todos os mestres e mestras que passaram por mim, desde as professoras Adriana Cruz e Cláudia Palheta que plantaram uma sementinha na minha loucura lá no início de tudo até quem me ensinou muito sobre palhacear por meio de oficinas, textos, espetáculos e conversas.

Meu mestre pai-lhaço, Ruber, muito obrigado por enxergar a arte em mim, me ensinado muito e sempre ter me incentivado a continuar. Minha mestra brincante de rua, Alana, que sempre desperta na minha criança a vontade de bagunçar tudo o que posso, inclusive uma produção textual, obrigado!

E, como dizem que os últimos sempre serão os primeiros, aqui agradeço ao primeiro que me introduziu na palhaçaria e que hoje é meu orientador neste trabalho de conclusão: Marton Maués, muito obrigado pelo apoio, pela espera e por me fazer acreditar.



RESUMO

Este trabalho objetiva escrevivenciar a trajetória de Italo Pacheco em palhaçaria para tentar compreender como a vivência dele provoca a existência do palhaço Xêco e, (n)essa convivência, colaboram para os improvisos nos processos de criações de cenas a partir dos trabalhos de finalização das disciplinas de Etnocenologia e Visualidade, ambas em 2022, e pela cena de resultado de pesquisa no Clown Nosso de Cada Dia, em 2023. Entendendo que todas as cenas foram potencializadas por vivências, a pesquisa revisita esses processos de criação e remonta as três cenas para as at(e)ar num solo, acreditando que a premissa dos trabalhos de palhaçaria de Italo é expor, através do Xêco, o seu ridículo; seja ele: emocional, corporal, mental.

Palavras-chave: Escrevivência; Palhaço; Processos de encenação; Vivência.



ABSTRACT

This work aims to chronicle Italo Pacheco's clowning journey to understand how his experience fueled the existence of the clown Xêco. This experience contributed to the improvisations of the scenes created for the final projects of the Ethnology and Visuality courses, both in 2022, and for the research scene for Clown Nosso de Cada Dia (Our Daily Life), in 2023. Understanding that all the scenes were enhanced by experiences, the research revisits these creative processes and reassembles the three scenes to perform them in a solo, believing that the premise of Italo's clowning work is to expose, through Xêco, his ridiculousness—be it emotional, physical, or mental.

Keywords: Scripting; Clown; Staging Processes; Experience.



SUMÁRIO

Uma espiadinha sem meter o nariz.....	12
O começo.....	16
CLOWN ou PALHAÇO?	17
CADA DIA sendo TODO DIA?.....	20
mEU?	23
mEU CLOWN DE CADA DIA	27
Referências Bibliográficas	34

Uma espiadinha sem meter o nariz

A palhaçaria é uma arte já classicamente conhecida e reconhecida no imaginário popular, seja por um artista de nariz vermelho e maquiagem colorida num palco qualquer...

Ou aquele animador de festa cheio de piadas ameaçando serem engraçadas num evento infantil que os pais falam “vai lá com o palhaço”, égua eu me acabo e rir nessas horas viu?!¹

Ou pessoas na rua que julgamos por se vestirem de forma estranha, diferente, colorida...

SIM!!! Tipo daquelas vezes que estamos com nossa vó na rua e passa alguém exatamente assim, ela já olha e solta: “Meu Deus, meu filho, olha essa menina se veste igual uma palhaça”, eu rio muito KKKKK

É, não era bem sobre isso, mas serve como exemplo também, obrigado pela lembrança, Xêco.

De nada! Amo rir dessa lembrança kkkkkk

Pensando bem, eu, como palhaço, deveria me sentir ofendido! Apaga isso...

Xêco, parou! Isso aqui é uma pesquisa séria, cara! É pra gente escrever junto, mas não atrapalha não... E SEM ME CORTAR!!! Dá um espaço para mim, que eu te dou um espaço, ok?

¹ Os parágrafos escritos em fonte Yu Mincho e alinhados à direita das paginas são especialmente escritas pelo mEU Palhaço Xêco nesta pesquisa colaborativa, mantendo toda sua responsabilidade com a expansão da autenticidade e ridicularidade.

Ihh! Dou até dois:

1

2

Ok, continua aí...

Então, nesta pesquisa chamarei de palhaço todo corpo cômico em “ampliação e dilatação dos aspectos ingênuos, puros e humanos” (BURNIER, 2001, p.209) porque, apesar das muitas discussões sobre o assunto, a minha perspectiva atual é de que o palhaço não é um personagem. Isso acontece, pois percebi a palhaçaria como a maior responsável pela minha descoberta da sensação de liberdade depois de anos tentando, de alguma forma, não ser quem sou, principalmente por ser rodeado do clássico-social “religiosidade e família”. Mas até se tornar a palhaçaria que acredito viver e que pesquiso atualmente, essa arte ainda me atingiu de várias outras formas. Tive a primeira experiência técnica com palhaçaria em 2019, na disciplina Clown² ministrada pelo Profº Marton Maués, acreditando na ideia de personagem, na ideia de outro corpo, na ideia de força corporal e todas as ideias que são comuns de se acreditar quando se inicia na palhaçaria e que também não estão erradas. Hoje parto do entendimento de que “meu palhaço” ainda sou _mEU, uma expansão da minha forma mais pura e autêntica.

Eu me permito ser o ridículo que a sociedade tenta esconder, mas se enxerga.

Eu também passo as vergonhas que ele não quer passar e, não, não sou uma outra identidade dele ou um espírito que possui o NOSSO corpo, tô mais pra
uma máscara mesmo...

Ou um escudo... Nossa, acho que gostaria de ser um escudo, faz eu parecer
mais forte, másculo, machão, fodão...

² Designação antiga. Hoje a disciplina se chama Palhaçaria.

Até parece, um fresco desses KKKKKKKKKKKK

Passo a acreditar nisso quando percebo que todas minhas cenas solo de palhaçaria, apresentadas em 2022 nas disciplinas de Etnocologia e Visualidade e em 2023 no VII Seminário de Palhaçaria de Belém, foram potencializadas por minhas próprias vivências e os pensamentos inconscientes durante a fase de criação delas num laboratório pessoal de improviso e, a última, no grupo de pesquisa Clown Nosso de Cada Dia. Essas três cenas partem de sentimentos enclausurados dentro de mim na época, sentimentos de solidão, vergonha, amor, desilusão amorosa e outros que foram indiretamente usados para expor o ridículo do mEU mais orgânico.

Acredito que o que torna a existência do mEU palhaço Xêco real é a vivência e a vontade de expandir ao máximo o mEU mais orgânico.

Então eu, sendo o mEU mais orgânico e puro, pergunto: de onde venho? Do Ítalo criança? Eu, o Palhaço Xêco, talvez tô ali na memória corporal? E o que mais eu somo na vida do Ítalo além da sensação de liberdade? Além de ser usado como exposição de sentimentos, eu expando outras mais ridicularidades? Égua, são tantas perguntasssss!!!

Bom, autores como BURNIER (2002); FERRACINI (2001); JARA (2000) e outros, vão ajudar na **tentativa** de responder essas perguntas.

Sério? A gente vai ter que ler mais pesquisas, estudos, autores... Meu deus! Esse laboratório de improviso e criação provavelmente vai ser a melhor parte desse trabalho mesmo. Aliás, adoro esse negócio de ficar igual doido no quarto fazendo coisas estranhas que quem visse ia ficar sem entender e, talvez, o mais interessante agora seja a escrevivência que nunca rolou antes nessa pesquisa.

A escrevivência é muito importante nesta pesquisa, pois, através da narração desses processos de criação, consigo expressar a minha compreensão do problema de pesquisa, e das outras dúvidas anteriormente levantadas por Xêco, enquanto um artista que ainda está preso em certas amarras dessa sociedade religiosa. Ou seja, para este trabalho era necessário uso de uma metodologia que me abraçasse na liberdade da escrita e encontrei isso em Conceição Evaristo (2020), criadora da escrevivência, nos dizendo:

Escrevivência, antes de qualquer domínio (do mundo), é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (EVARISTO, 2020, p. 35).

Dessa forma, essa pesquisa é uma contribuição para os novos estudos de palhaçaria, principalmente aqueles que acreditam que ser palhaço fora dos palcos é mais que ser um personagem, que ser palhaço é Ser. Sou mEU palhaço nos palcos, nas ruas, nas praças e na vida, no dia a dia.

Ser palhaço é uma forma de exposição dos sentimentos, dos mais ridículos aos mais “normais”, mas eu, sinceramente, prefiro os anormais.

Ser normal é sem graça, e não tem graça ser sem graça!



O começo...

Desde que me entendo por gente, eu passo um bom tempo sem saber por onde começar as coisas: como começar uma conversa sincera? Como começar uma dança? Como começar a arrumar meu quarto? Como começar uma vida sexual? Como começar a escrever uma pesquisa que estar totalmente clara na minha mente? Sim, com certeza esse trabalho de conclusão de curso foi uma dessas coisas que me deixaram sem saber que caminho tomar. E como todas as outras coisas, eu resolvi começar do começo. É simples.

É simples?

Durante pelo menos os 2 anos em que tento escrever esse trabalho de conclusão de curso o que me assusta e, automaticamente, me trava de escrever é não saber por onde começar. Mas tudo bem, agora já sei que tenho que começar do começo...

Mas que começo? Da vida? Da descoberta da arte? Da introdução a palhaçaria? Da pesquisa? São tantos começos! QUE COMEÇO?

Nos primórdios dessa pesquisa, eu queria começar contando a minha vida, de quando eu entrei na igreja evangélica, aos 8 ou 9 anos e as inúmeras coisas que vivi na religião que me fizeram chegar aqui. Depois de um tempo, em desespero pra escrever e apresentar um projeto de pesquisa, decidi começar falando da pesquisa, como eu fui introduzido e entendo a arte do palhaçar atualmente. Mas agora tudo era certo e tudo era errado, nada parecia ser o que eu queria escrever, implicava até com o título.

O TÍTULO?! Por que esse título, Ítalo? mEU? Clown ou palhaço? Todo ou cada dia? Qual a diferença? “mEU CLOWN DE CADA DIA”?

É isso, manoooo! Esse é o início, começa a escrita pelo começo: O TÍTULO!

Bom, entendendo que essa pesquisa começa quando percebo que as minhas três cenas de palhaçaria, criadas a partir de improvisos, são potencializadas por algumas das minhas vivências, compreendo então que o palhaço está em mim a todo momento. Dessa forma, quando eu preciso pensar num título, eu só lembro do nome do grupo de pesquisa em palhaçaria que é a minha principal fonte de aprendizado e o lugar de experimentação de cena no palco, em que fui bolsista dois anos seguidos desde 2023, coordenado pelo professor Marton Maués: Clown Nosso de Cada Dia. Mas calma, vamos por parte...

CLOWN ou PALHAÇO?



Logo no meu primeiro contato com o estudo da palhaçaria, na disciplina Clown , em 2019, adquiri o entendimento de que “CLOWN” é “PALHAÇO” e “PALHAÇO” é “CLOWN”, em línguas diferentes. Nas aulas ministradas pelo Prof. Marton Maués, ele dizia que “clown e palhaço se diferenciavam apenas na origem das palavras”:

Eles designam o mesmo personagem popular, esteja ele onde estiver – no circo, na rua ou no palco e como estiver – vestido espalhafatosamente ou discreto, com ou sem nariz vermelho. (MAUÉS, 2004, p.10).

Então para mim, nunca foi uma grande preocupação decidir qual termo e língua usar na minha pesquisa.

Até por que eu sou brasileiro e não tão fluente assim em inglês para escolher
uma língua que eu não sei falar, né?

É como nos diz Conceição Evaristo:

Creio que a escolha das palavras certas está relacionada, ou parte mesmo, da subjetividade e também da experiência com a linguagem que a escritora, o escritor têm. (EVARISTO, 2020, p.36)

Mas quando comecei a me aprofundar na arte do palhaçar, em oficinas e cursos com outros mestres, descobri outros motivos pelos quais alguns palhaços brasileiros gostavam de reivindicar o termo “PALHAÇO”. O Clown trazia uma ideia de clássico, um personagem tipicamente europeu do teatro-circo, carregado de uma ideia que estava longe do que muitos ou alguns palhaços brasileiros pareciam.

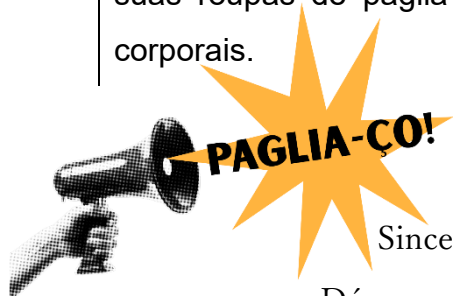
Eu mesmo não pareço europeu... Já viu a bermudinha que eu uso por causa
desse clima infernal de Belém? Sou palhaço, égua!



Mas, para minha grande surpresa (ou lerdzeza), pouco tempo depois, descobri que por mais que a palavra Clown traga a ideia de personagem europeu, ela é inglesa e deriva de clod, palavra de origem latina que caracterizava os que cultivavam a terra:

Clown é o camponês rústico, um roceiro, um simples, um simplório, um estúpido caipira. De início, o sentido era apenas o de roceiro, mas a conotação pejorativa vai se entranhando aos poucos e clown passa a identificar um roceiro estúpido e bronco. (Castro, 2005, p.51).

E é o vocábulo Palhaço que, na verdade, é europeu; mais especificamente da Itália. Pagliaccio era como chamavam o personagem cômico, quase grotesco, que enchia suas roupas de paglia (palha, em italiano) como enchimentos para dar formatos corporais.



Então como ficamos nessa questão? Clown? Palhaço?

Sinceramente, acho sim até chique enrolar a língua pra falar **claoun**.

Dá um ar de autoestima que a gente não tem, né? Mas na minha cabeça palhaço tem uma origem tão mais engraçada e humilde. É, sou palhaço mesmo!

Xêco, essa discussão não existe entre a gente a partir do momento que eu nasço brasileiro e não tenho fluência em inglês! Pelo amor de deus! Tu ainda não entendeste que aqui estamos falando sobre o título do nosso trabalho? É sobre a escolha da palavra usada e, que talvez, seja puramente pela estética. Sim, estética, fonética, e pela identificação com a minha forma de atualmente enxergar os “clown-lhaços” como qualquer espécie de cômico.



Então esse grande texto foi pra dizer que, por mais que essas duas palavras tenham uma origem diferente e que cada uma carregue uma ideia com elas, a gente não exatamente se importa com o termo escolhido já que tudo se torna o mesmo no final, mas que tu (nesse caso só o Italo mesmo) precisa trazer fontes de tudo e seguir normas de escrita irritantes? Entendi...

CADA DIA sendo TODO DIA?

Toda a minha subjetividade é a subjetividade da escritora. E essa subjetividade, creio, contamina tanto o assunto que escolho para escrever, [...] como o próprio uso da linguagem. (EVARISTO, 2020, p. 41 e 42)

Por que “clown de cada dia” se o mEU palhaço se banha das minhas vivências de todo dia para os improvisos durante os processos de criação das cenas? Essa foi uma dúvida recente levantada enquanto voltava para casa, como sempre, dentro de um ônibus sem dados móveis para passar o tempo zanzando na internet e discutia com minhas cacholas (também conhecido, amorosamente por vocês e, por muitos outros, sexualmente, como Xêco) sobre essa pesquisa e como escreve^{ve}ncia^{ria} ela.

Vamos começando do começo mais uma vez?

Sim, dessa vez a gente precisa entender, mesmo que minimamente, a diferença entre “todo dia” e “cada dia” de forma mais clara.

<u>CADA</u>	<u>TODO</u>
Foca na diversidade da ação	Refere-se a totalidade sem distinção
A individualidade dos dias	A igualdade dos dias
"Cada dia é um dia"	"Todo dia é dia"

Se pensarmos que cada cena foi potencializada por uma vivência, precisamos saber a “durabilidade” dessa vivência. Que vivência é essa? Quando vivemos ela?

Assim como cada dia e todo dia,

viver e vivência não são as mesmas coisas!

VIVER |ê|
(vi-ver)

verbo intransitivo

1. Ter vida. = EXISTIR
2. Passar (a vida). = EXISTIR
3. Passar a vida de tal ou tal maneira.
4. Ter determinado comportamento ou procedimento. = CONDUZIR-SE, PORTAR-SE, PROCEDER
5. Proporcionar-se o alimento e o necessário para a vida. = ALIMENTAR-SE
6. Entreter relações sociais ou amicais.
7. Conservar-se, durar, passar aos vindouros. = CONVIVER
8. Gozar a vida; aproveitar-se da vida; tirar vantagem de tudo.
9. Passar toda ou a maior parte da existência em; não poder existir fora de.
10. Ter habitação habitual em. = MORAR, RESIDIR

verbo transitivo

11. Desfrutar de uma situação ou de um momento. = GOZAR

substantivo masculino

13. Processo do que está vivo e perdura. = VIDA

Origem etimológica: latim vivo, -ere.**VIVENCIAR**

(vi-ven-ci-ar)

verbo transitivo

Sentir ou experimentar (algum acontecimento ou situação) com intensidade.

Origem etimológica: vivência + -ar.

"viver" e "vivenciar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/vivenciar>.

Fonte
↙

Viver está para mim mais que para Xêco. Eu vivo, eu existo, eu gozo da vida em sua completude.

E a vivência da vida é compartilhada, uma **convivência**. Se vivenciar é sentir e experimentar com intensidade, então ela tá mais para mim. Eu posso não experimentar a vivência de toda a vida, mas com certeza sou a parte que se permite vivenciar momentos com mais sentimentos, que se permite ser, sem vergonha do ridículo, sem medo de errar, sem medo de somente ser.

Ah! E eu gozo também.

Ou seja, o Xêco até vive a vida comigo, com certeza compartilhamos a vida também, mas acredito que ele vive mesmo é na vivência, na plenitude dos sentimentos reais. Então todo dia eu sou palhaço, mas o mEU palhaço está na individualidade dos dias.

E, se ainda não ficou claro pra vcs, esse título é inspirado no “o pão nosso de cada dia nos dá hoje”, uma passagem da oração do Pai Nosso onde se pede o alimento necessário para a subsistência (acho chique essa palavra), tanto material quanto espiritual.

Por essa tu não esperava né? Sou ex crente, bb.

Não passei mais de 10 anos na igreja só dando dinheiro pra pastores ricos não...

Pois é, para além de referenciar a igreja por ter uma certa influência em parte da minha vida (querendo ou não), acredito que o que alimenta a subsistência do Xêco está no que vivo todo dia: o que vivenciamos a cada dia. E é assim que eu encontro na escrevivência a metodologia desse trabalho. Por que não usar uma metodologia que fala, principalmente, sobre vivências numa pesquisa que acontece de vivências? Uma metodologia que me dá a liberdade das palavras quando “a escolha semântica está profundamente relacionada com a minha situação social ou com a experiência social que já vivi” (EVARISTO, 2020, p.40).

Porém, Conceição Evaristo diz que a Escrevivência não é uma escrita de si (2020, p.38 e 39), é uma escrita do coletivo.

É nesse momento que eu paro e penso: JA POSSO SURTAR?!

COMO QUE A GENTE ESCOLHE UMA METODOLOGIA QUE FALA DE

COLETIVO PARA FALAR DE TI, ITALO!!??

Xêco! Respira e repara na contradição da tua pergunta.

Relendo

A gente... Italo... Ahh! Bom, 1+1 é 2!

Calma, não é bem assim. Não é que eu e você somos um coletivo. Evaristo criou a escrevivência falando de vivências negras, sobre as vivências dela e outras pessoas

iguais a ela, ancestrais e descendentes. A escrevivência foi inspirada nas mulheres escravizadas que contavam histórias “para adormecer a casa-grande” (2020, p.30), foi criada para humanizar pessoas e resgatar para si o dom de narrar e escrever suas próprias histórias; e é nessa metodologia, da liberdade e autonomia, que eu me agarro para escrever as minhas vivências nesse trabalho.

mEU?

Eu lembro que nas minhas primeiras escritas, conversas e ideias mais reais sobre o que era palhaço, lá por 2021, eu já enxergava o palhaço em mim. O-DI-A-VA a ideia de ser um personagem, essa ideia corroía-me por dentro (R.I.P Palhaço Abobrinha – segundo nome de palhaço que me dei). Na minha segunda vez fazendo a disciplina Metodologia de Pesquisa em Artes (Ele fez TRÊS VEZES) eu passei a usar o termo “eu-palhaço” nas minhas escritas, entendendo esse ser que sou eu, mas não é exatamente eu mesmo sendo eu.

Conseguiu acompanhar ou tá difícil?

Então, depois de um tempo usando sem pesquisar para saber se alguém já tinha falado sobre, porque era totalmente inexperiente em trabalhos acadêmicos que se buscam referências e pesquisadores, achei pesquisas que usam o termo “eu palhaço” (sem hífen) e percebo que eu realmente não sou tão louco como eu estava começando achar.

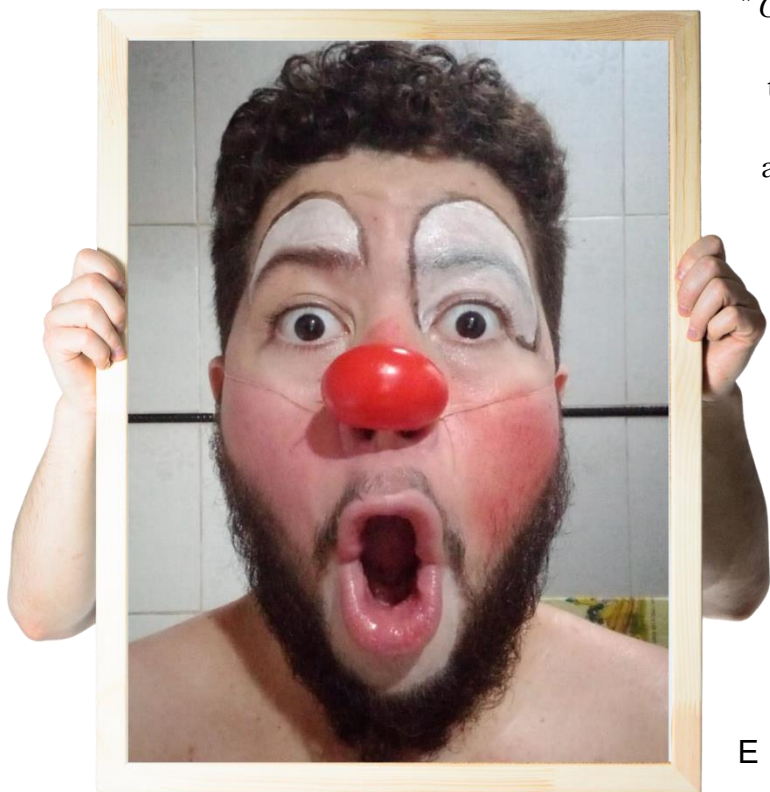
Mas, voltando um pouco para 4º período de 2022, tudo se confirma quando, na disciplina Exercício de Cena VI – Visualidade, a Prof.^a Adriana Cruz pede uma imagem-força para trabalharmos e eu escolho de quando estava em casa realizando teste de maquiagem e resolvo fazer caretas.

Ok, ok... Me autodeclaro culpado! Ai gente, não tenho muito o que falar, viu?

Só rir HAHHAHAHA Coisa de besta, sabe?! Alguns hoje em dia chamam de

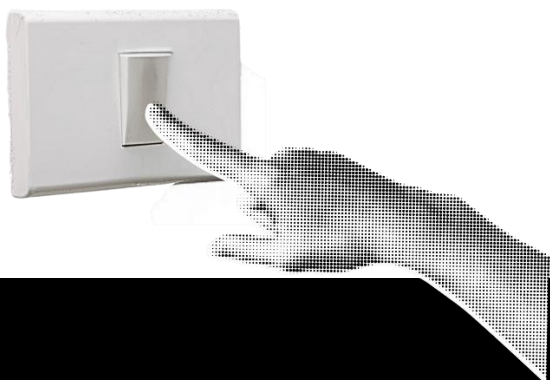
”OMG! She so crazy, love her” (meme de twiteiro debochando de pessoas que se acham engraçadas) e outros chamam de ”realizar os pensamentos intrusivos”.

Lembram que eu sou o que assume as ridicularidades? Pois é, nesse caso é até quando faço as coisas por fazer mesmo, sem muita explicação.



E o que acontece? Adriana Cruz olha para mim, olha para a foto, olha para mim,

olha para a foto... E diz: Italo, eu te vejo aqui nesse palhaço da foto e quando olho para ti, aqui na minha frente, vejo esse palhaço. Acho que tu precisas investir nisso.



Então a nossa mente explode,

o mundo para,

Tudo fica silencioso

e um apagão acontece.

Sinceramente? Tu sabes que foi quase isso que aconteceu, mesmo porque eu praticamente entrei em estado de negação. Como assim ela vê o palhaço em mim? Eu sou o próprio palhaço? Eu tenho cara de palhaço e tenho que levar isso como elogio?

Ah pronto, ficou ofendidinho por ser chamado de palhaço...

Sinceramente digo eu!

Na verdade, não. Dessa vez, não, mas no primeiro semestre desse mesmo ano outra professora previu a mesma coisa e eu achei que ela estava louca: Prof.^a Cláudia Palheta, disciplina de Etnocologia. Estávamos na reta final de uma disciplina super difícil de ser compreendida com rapidez e, como metade do último trabalho de avaliação final, precisávamos montar um caleidoscópio etnocológico.

Escola de Teatro e Dança da U
Docente: Cláudia
Discente: Italo Henrique
Curso: Licenciatura
Turno: Noturno
Disciplina: Etnocologia

CALEIDOSCÓPIO:
MEu Palhaço

Belém - Pará
2022

Penso no palhaço como um ser ridículamente inocente e inocentemente sem medo de ser ridículo, sempre em descoberta de si e sempre descobrindo o mundo pra si. O palhaço não é como eu e você, ele encara mesmo com medo. O palhaço não tem nada mas tem tudo. Ele propõe a risada ao espectador sem ter a expectativa de fazer rir, ele somente vive.

Diferente de mim que tenho medo de cair, ser ridículo ou ser burro. Eu fico tenso se minha arte não alcançar a reação que espero do público. Mas porque? Já me conheço, conheço o mundo e já conheço as pessoas... Mas será mesmo?

Quando falo de palhaçaria penso num corpo onde posso ser o que quero ser, uma sensação de liberdade, de ser. A experiência em somente ser e viver.

Caleidoscópio Etnocológico

ETNO: concreto corpo
 máscara
 maquiagem

O **concreto** é a construção e preparação desse corpo. Acho importante eu dizer que para uma experiência pessoal de viver a sensação de ser palhaço, não acho que seja necessário um trabalho além do corpo, mas para uma experiência mais verdadeira do palhaço com o público o nariz e maquiagem faz todo sentido nesse (o meu) trabalho.

CENO: sensorial outro corpo
 ridículo
 inocência

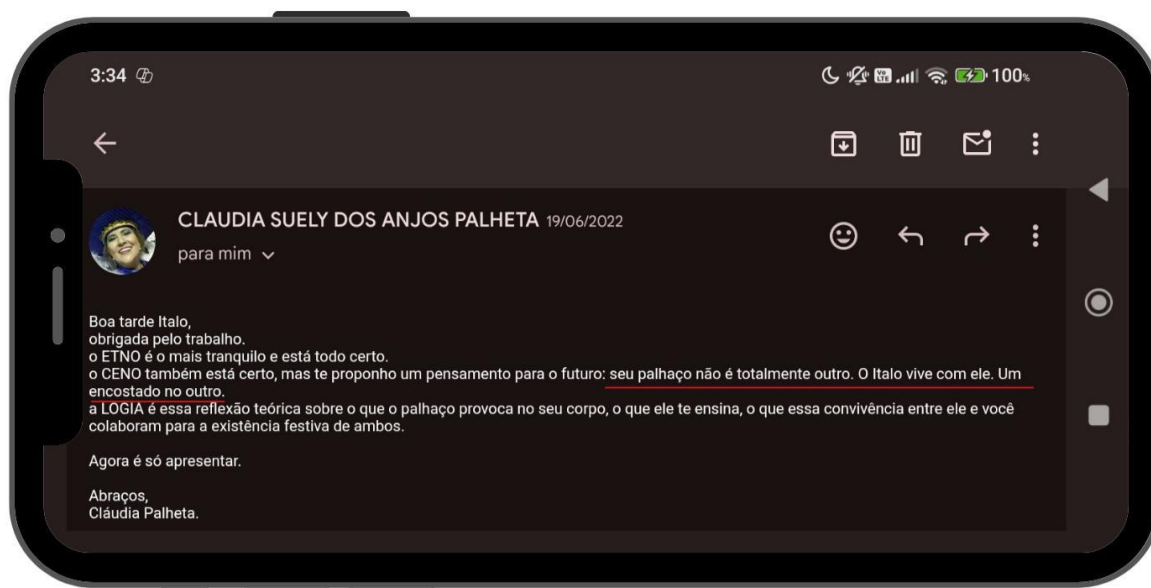
O **sensorial** está nesse outro corpo do artista. Deixar de lado as vivências pessoais do meu eu verdadeiro que sempre me deixam com medo de ser ridículo, inocente e livre.

LOGIA: simbólico sensação
 energia
 experiência

O **simbólico** é toda a sensação de estar e ser o que não sou, a energia que o corpo carrega de ter vivido e a experiência do estranho. É o uso da máscara e a retirada dela.

Nossa, eu acho que deveria me sentir traído... Como assim tu me chamava de “M’Eu” mas não éramos os mesmos corpos?

Pois é, Xêco, como tu podes ver, naquela época tinham muitas ideias confusas e até contraditórias na minha compreensão do que era o palhaço. A professora tentou me alertar, mas eu realmente não conseguia entender como ela podia enxergar nós dois existindo num mesmo corpo.



Mas isso aconteceu, não sei dizer exatamente como ou quando (ou não saberei ser sucinto o suficiente para esse trabalho), mas depois de mais algumas pesquisas me aprofundando no estudo da palhaçaria, aconteceu.

Foi assim que descobri o “estado orgânico”, de Renato Ferracini (2001, p.217 apud HARRIS, 2011, p.6), que diz que “o clown é um ser que tem suas reações afetivas e emotivas todas corporificadas em partes precisas do seu corpo” e que, por isso, sua lógica é físico-corpórea.

Então a gente, o NOSSO corpo, é o objeto principal nessa pesquisa? E com corpo quero dizer membros, sensações, sentimentos, memórias...

Sim, Xêco, e quem confirma isso é Jesus Jara (2000, p.21 apud HARRIS, 2011, p.3) descrevendo (a ideia de “construção” do) palhaço como uma viagem ao mais autêntico

de cada um, pois damos mais valor ao nosso autoconhecimento e expandimos todos nossos registros emocionais, comportamentais e vitais. Isso te lembra algo?

Eu acho que é tudo o que a gente já falou antes, né?

Então acho que depois de toda essa contextualização, toda essa enrolação, a gente pode partir pro que importa de verdade, né?

mEU CLOWN DE CADA DIA

[...] arte não é ciência e, deste modo, não irá constituir método/modo de fazer baseados em aplicabilidades pragmáticas, como nas ciências. Portanto, sua elaboração não está efetivamente dada. Será constituída como um corpo vivo, movente, que no transcorrer dos processos os movimentos podem ser reelaborados. (LEÃO; BRITO, 2020, p.141)

O meu grande desafio durante todo o primeiro semestre de 2022 na disciplina Etnocenologia, ministrada pela professora Cláudia Palheta, foi chegar no entendimento de o que seria a minha espetacularidade, ou melhor, qual seria; e até aquele momento, a última vez que tinha vivido a palhaçaria foi na disciplina ministrada pelo professor Marton Maués, em 2019.



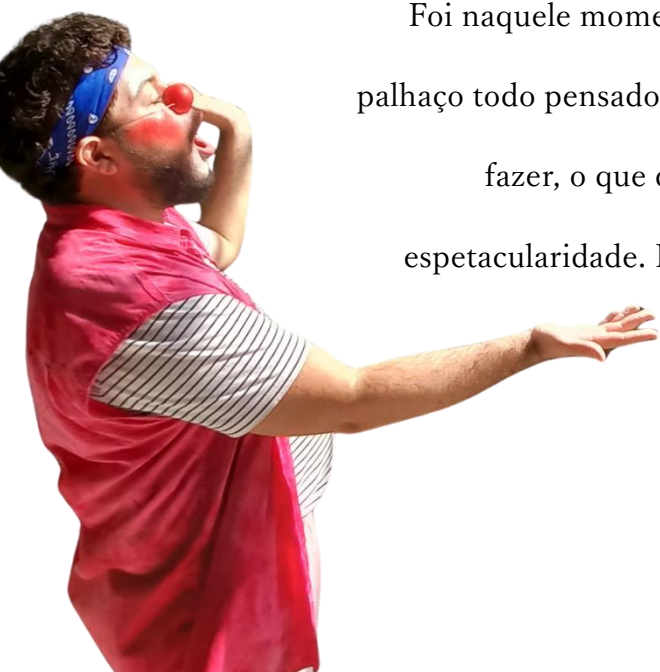
E logo depois veio a desgraçaaaaa daquela pandemia! Então, por mais que tu tenha gostado de palhacear, tu passou esses dois anos não sabendo mais nada além do que tinha aprendido em sala, por que não tinha experiência e nem incentivo para pesquisar sobre.

Mas ainda assim eu tinha uma certeza de que meu trabalho deveria ir por esse caminho, lá no fundo eu sabia que tinha me encontrado na palhaçaria. Acredito que isso aconteceu, pois percebi que o “fazer rir” me retirou da minha zona de conforto e, de alguma forma, me levou a algum “estado” diferente do normal e para mim, erroneamente, achei que a espetacularidade estava exatamente nesse novo “estado”. Então depois de muita insistência consegui criar, com pensamentos equivocados quanto ao palhaço ser “outro corpo” e de que a espetacularidade era um sentimento só meu, criei um caleidoscópio etnocenológico.

Faltando pouquíssimo tempo para a finalização, onde precisaríamos apresentar essa espetacularidade, eu ainda não fazia ideia de como encenaria, precisava de algo “rápido e fácil”, então lembrei de um jogo que tínhamos realizado nas aulas da disciplina *Clown*: uma clássica improvisação de palhaço dublando ópera.

(Bem aqui a gente vai imaginar de trilha sonora a grande ópera-gospel-brasileira *Ressuscita-me* de Aline Barros ~~pra ajudar na minha dramaticidade~~.

Foi naquele momento que uma versão de mim se chamou Abobrinha. Um palhaço todo pensado e roteirizado, quase um personagem. Ele ensaiou o que fazer, o que dublar, como dublar e o que falaria para explicar a nossa espetacularidade. Ele era tão sem noção, tadinho, que a mamãe dele deu o nome de Abobrinha...



KKKKKKKKKKKK ai, parou, eu não aguento lembrar de toda essa história de vida criada, que palhaçada meu deus KKKKK

A cena aconteceu no pátio da Escola de Teatro e Dança da UFPA e essa história do nome foi contada antes do improviso com o próprio palhaço-personagem se apresentando. Dobrei a música e dramatizei exageradamente a letra desconhecida. Ao terminar, agradei e tirei o nariz:

- Oi, eu sou o Italo e a minha espetacularidade tá aqui no palhaço, quando eu me torno ele, esse outro corpo. Ele é completamente diferente de mim, eu sou tímido e ele sem vergonha. Ele consegue falar com vocês e eu só quero sair daqui agora mesmo. Então é isso, obrigado!

Isso acontecendo logo após vivenciar uma pandemia, depois de muito tempo, pouco socializar e me apresentar na frente de muitas pessoas: essa timidez existiu de alguma forma, mas nunca foi verdadeira. Lembro de alguns colegas de turma e outros alunos me olharem encantados e ainda risonhos após minha fala, mas sinceramente? Eu mesmo, o artista, não estava acreditando muito naquilo. Não no que tinha saído da minha boca, na verdade, **eu acreditei mais no que não tinha saído da minha boca**. Então foi assim, vendo as pessoas rindo comigo, que eu entendi que a minha espetacularidade estava no ver, sentir e viver o riso.

Tá, mas tu vai usar essa espetacularidade e esse caleidoscópio? Por que Italo, assim, sinceramente não tem mais onde meter mais outras pesquisas aqui...
É só um TCC!

Não Xêco, não vou meter nada mais aqui, mas esse trabalho é sobre escrevivenciar minha trajetória e reVisitar esses processos, e não dá pra falar sobre eles sem contextualizar.

E se dá, tu não descobriu como porque tem problema em ser sucinto...

Mas já deu dessa, bora pra próxima!

Tudo bem, bora lá!

Na finalização da disciplina Visualidade, a timidez já não era mais a minha maior adversária, conscientemente percebi que numa apresentação de palhaçaria eu não seria derrotado por ela.

Aqui talvez não esteja tão obvio, mas vou fazer esse favor de deixar obvio: o foco da cena era a visualidade. Podia ter texto, música e coisas com sons, mas eles não seriam considerados na avaliação.

Mas mais uma vez a criação da minha cena foi um pouco demorada, desde o início eu dizia que não queria que a meu trabalho fosse novamente direcionado sobre palhaço, mas que fosse sobre o riso; entretanto era uma vontade incoerente entendendo que minha imagem-força era eu de nariz e maquiagem de palhaço (p.19), então obviamente nenhuma ideia era boa. Sendo assim, decidi conversar com a Adriana Cruz que me fez enxergar o que já estava trabalhando por trás de todas as ideias, mas não tinha percebido: o palhaço sou eu e eu sou o palhaço, vivemos num mesmo corpo por mais que eu tente diferenciá-los.

Partindo disso, comecei a pensar e improvisar como poderia representar isso em cena, focando sempre no nariz como objeto-força, dessa forma tudo era desenvolvido a partir do sentimento e assim percebi também o ^mEU corpo sendo utilizado como um outro objeto-força.

É aqui que eu começo a me divertir, a melhor parte de um processo de criação de cena é quando a gente fica igual bicho experimentando objetos, movimentos, vozes etc. Eu me divirto de uma forma que vocês talvez não entendam.

Considerando também esse outro objeto, percebo que eu estava ensaiando com uma roupa qualquer e que deveria vestir a roupa do palhaço, coloco também a maquiagem, mas não senti a necessidade de colocar o nariz e assim, com o nariz pendurado no

pescoço, voltei para a mEU laboratório pessoal de improviso e criação (se tu chegou até aqui e ainda não percebeu que a gente ama brincar com as palavras...). Até que, em algum momento, afetado por um sentimento de solidão e tristeza, tirei tudo o que muitas vezes mais enche os olhos dos espectadores de um palhaço clássico e no fim, sem roupa e sem maquiagem, senti que deveria colocar o nariz.



Assim, para o ator, as ações físicas são fundamentais não só por se constituírem na base concreta sobre a qual ele poderá edificar sua arte, como por também serem o meio pelo qual ele entra em contato com suas energias potenciais. Um dos fatos mais importantes para a arte do ator é a capacidade de ele dinamizar energias interiores que são resultados desse processo ou agentes dele. Ou seja, ou dinamizamos energias interiores e potenciais que se transformarão em corpo, em ações físicas; ou as ações físicas acordam tais energias (BURNIER, 2001, p. 54).

Nesse período de 2022, eu estava vivenciando umas crises em que eu me sentia incompreendido, não amado e parecia que ninguém me conhecia de verdade; quando eu fechava a porta do meu quarto era eu e eu.

E se mais uma vez você não entendeu: estamos falando de sexualidade. É difícil não se sentir sozinho e um desconhecido dentro da própria casa quando VOCÊ é um segredo.

Mas como o Italo odeia falar desses sentimentos, vamos falar sobre as decepções amorosas que acontecem da porta pra rua e como isso resulta num tesão que te consome e faz delirar?

Em alguma quarta-feira de 2023 num encontro do grupo de pesquisa Clown Nosso de Cada Dia, Marton Maués chegou com a seguinte missão: Peguem essa vassoura, vão pra casa e comecem a varrer... Em algum momento essa vassoura tem que deixar de ser vassoura.

Na minha vez, improvisei uma cena em que me apaixono profundamente e sensualmente pela não-vassoura.



Curiosidades:

- 1 - É a primeira vez que vou fazer uma citação aqui, tô me sentindo muito pesquisador.
- 2 - Burnier diz que a essência do palhaço é “colocar em exposição a estupidez do ser humano, relativizando normas e verdades sociais” (2001, p. 206); ou seja, é ridículo mesmo se apaixonar por uma vassoura fingindo que não sabe que é uma vassoura.

Mas ainda pode piorar...

No fim percebo que é uma ilusão amorosa, e curiosamente eu estava vivenciando um amor intenso e mal correspondido.

Levei esse improviso para o mEU laboratório pessoal e trabalhei mais um pouco nele explorando mais possibilidades para uma cena, e apresentei como resultado de pesquisa no VII Seminário de Palhaçaria de Belém.

E essa cena é o principal motivo do porquê produzimos esse trabalho, foi depois dela que percebi que as minhas vivências são a base...

para a minha existência.

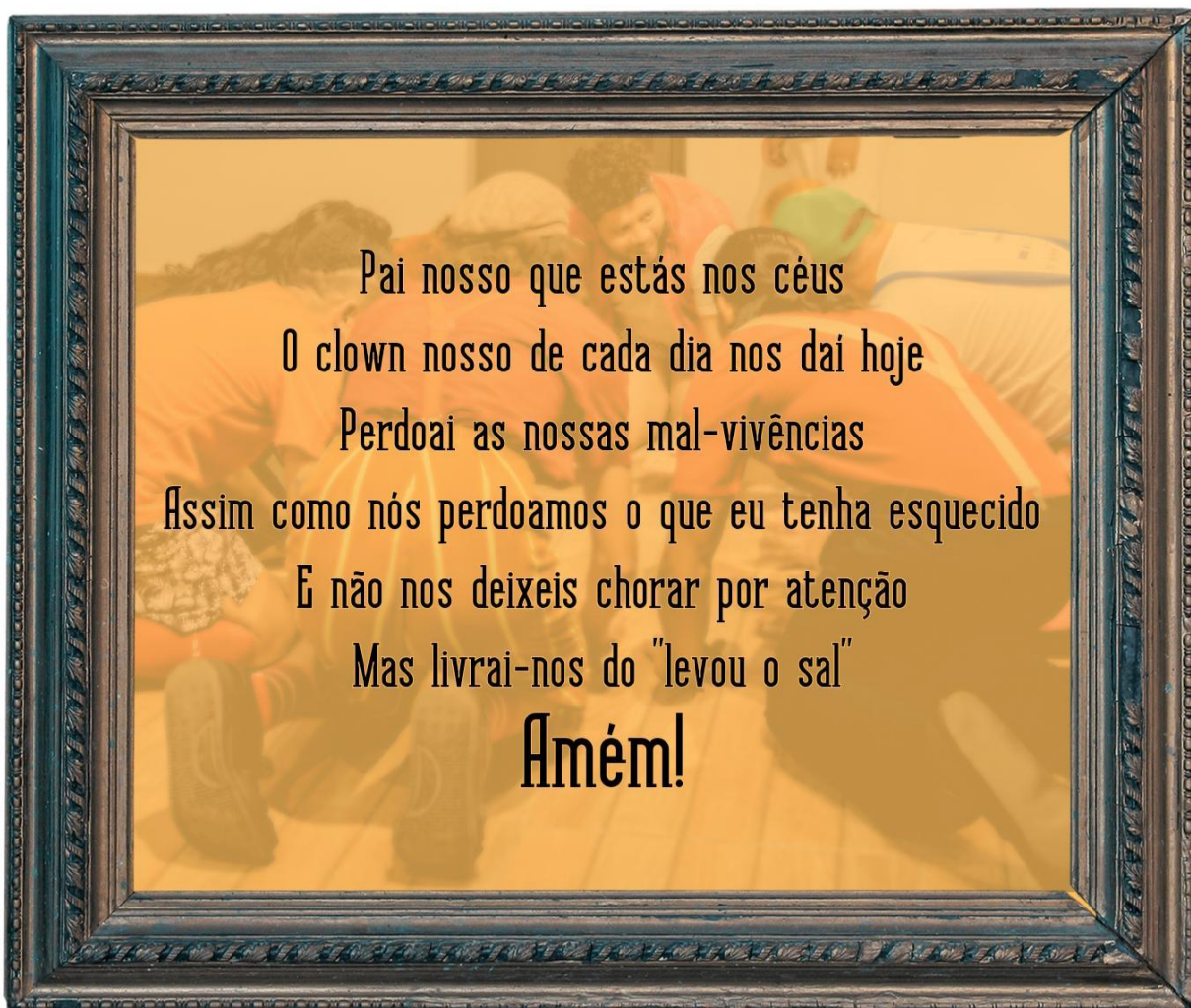
Entendemos que é nessa convivência que conseguimos criar juntos, a partir de

improvisos, os trabalhos de palhaçaria.

É na necessidade de expor as coisas que muitas vezes eu não consigo expor por mim mesmo

que eu sou para externalizar, seja em casa, na rua, no palco ou num trabalho

de conclusão de curso.



Referências Bibliográficas

BURNIER, Luis Otávio. **A Arte de Ator: da Técnica à Representação**. Elaboração, codificação e sistematização de técnicas corpóreas e vocais para o ator. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

BURNIER, Luís Otavio. **A Arte do Ator. Da técnica à representação**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

CASTRO, Alice Viveiros. **O Elogio da Bobagem**. Rio de Janeiro: Família Bastos Editora. 2005.

EVARISTO, Conceição et al. **A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a Escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020. Disponível em: <https://itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-NosConceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso: 27/01/2025.

EVARISTO, Conceição. CONCEIÇÃO EVARISTO – **“A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”**. [Entrevista cedida a] Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. Itaú Social, São Paulo, novembro. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-paraas-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 13 de março de 2025.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. Disponível em: <https://cirurgioesdaalegria.org.br/storage/app/uploads/public/5c4/85d/59c/5c485d59c337a184256230.pdf>. Acesso: 19/09/2024.

HARRIS, Santiago. **Palhaçaria (clown) e Terapias Corporais: Possíveis ligações pra o trabalho criativo**. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). Anais. 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: 18/09/2024.14

LEÃO, C.; BRITO, M. R. Estalos, incidentes e acontecimentos... In: LEÃO, C.; BRITO, M. R. (Org.). **Estalos, incidentes e acontecimentos como procedimento e método da pesquisa em artes** [recurso eletrônico] Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ UFPA, 2020. p. 136-144.

Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/d4009aa2-78c7-44c1-9d7a-8cc86b2c20de/content>. Acesso: 13/08/2025

MAUÉS, Marton Sergio Moreira. **Palhaços Trovadores:** uma história cheia de graça. Orientador: José Afonso Medeiros Souza. 2004. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.